

INCLUSÃO HIGH TECH

ENTREVISTA O diretor dos programas comunitários da Microsoft, **Akhtar Badshah**, explica como o computador reduz a desigualdade

A MÁRCIA PINHEIRO

Akhhtar Badshah é arquiteto, paisagista e artista plástico, além de dirigir os programas comunitários globais da Microsoft. Está há apenas quatro anos na empresa e tem uma vasta experiência em organizações não-governamentais (ONGs). Acompanhou a criação do Banco dos Pobres, em Bangladesh, pelo Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yurrus. Indiano de Mumbai, Badshah esteve no Brasil na última semana de maio, para se inteirar das iniciativas locais patrocinadas pela Microsoft. Daqui, segue para a Argentina, o Equador e a Venezuela. Em conversa exclusiva com Carta Capital, ele enfatizou os conceitos de parceria e cooperação para o desenvolvimento econômico e

cultural dos excluídos digitais, ainda a vasta maioria da população global. Nega que a Microsoft imponha um modelo ao mercado e admite uma convivência pacífica com o sistema operacional livre Linux, desde que crie empregos e oportunidades aos cidadãos.

CartaCapital: Qual o objetivo de sua visita ao Brasil?

Akhtar Badshah: Eu dirijo os programas comunitários da Microsoft, por meio de investimentos diretos, do encorajamento dos nossos funcionários para se engajar nas iniciativas, para gerar benefícios econômicos e sociais em termos globais, especialmente na área de Tecnologia da Informação. Minha principal atividade é viajar por todo o mundo para visitar os nossos projetos. Para entender as instituições e parceiros locais. Ter melhor percepção do que são, como trabalham. Isso inclui os líderes políticos, empresariais e comunitários, para compreender o papel da Microsoft nos programas regionais.

CC: E o principal projeto que a Microsoft tem no Brasil hoje?

AB: Um dos nossos principais projetos globais aqui é o trabalho que desenvolvemos em tele-

centers com os governadores, em comunidades carentes. Lugares onde os cidadãos de baixa renda possam ter um porto seguro e amoroso para aprender habilidades básicas no setor de tecnologia. É uma oportunidade de ascensão para eles.

CC: Que porcentagem do investimento a empresa tem nessas parcerias?

AB: Não há um percentual específico. A Microsoft gosta de trabalhar com parceiros, como com organizações não-governamentais. Por exemplo, a ONG Oxigênio obtém recursos de várias fontes, incluindo a nossa empresa. Outra iniciativa é o Comitê para a Democratização da Informática (CDI),

com quem trabalhamos há dez anos. Em São Paulo, estamos envolvidos em programas com associações e o estado, para assegurar, por exemplo, que computadores não mais usados em empresas sejam doados para as escolas. Nossa parte é ensinar os jovens a manejar, manter e consertar as máquinas. Há vários outros exemplos, como a parceria com a Fundação Ayrton Senna e com a Telefônica.

CC: Visivelmente, há um boom de empresas que repentinamente começaram a se preocupar com os pobres. Em muito porque soa bem o conceito de governança corporativa, que agrada aos investidores em bolsas de valores. Virou moda financeira ajudar comunidades e se preocupar com o meio ambiente, por exemplo.

AB: A observação é justa. É preciso monitorar esse fenômeno. Jornalistas, ONGs e federações empresariais deveriam estar sempre atentos à motivação da companhia. No caso da Microsoft, faz parte do nosso DNA. A empresa faz isso

“Telecenters são um porto seguro em comunidades carentes”



OLGA YLANKOU

PERFIL. Badshah é arquiteto, paisagista, artista plástico e entusiasta do desenvolvimento

desde 1983. É uma demanda de nossos funcionários. Cada indivíduo tem uma preocupação bem específica de como participar de voluntariado, por exemplo. Quando observamos a proliferação da tecnologia, há sete anos, chegamos à conclusão de que precisávamos de um foco global. Uma companhia engajada na questão da inclusão digital. Porque, sem acesso à informação, a disparidade entre ricos e pobres se acentua. Como somos parte da revolução da Tecnologia da Informação, temos de nos importar em como ajudar os cidadãos pobres do mundo. Você tem razão, muitas empresas fazem isso porque querem lucro. Não são filantrópicas. Mas existe um sentido para a companhia e os seus funcionários. Acredito que a Microsoft pode ajudar as pessoas a encontrar emprego e a progredir na vida. Somos apenas um pedacinho do quebra-cabeça para eliminar a pobreza no mundo.

CC: O senhor trabalha na *Microsoft* há apenas quatro anos. Antes, acompanhou a criação do Banco dos Pobres (*Grameen Bank*), em Bangladesh, do Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus, além de trabalhar em ONGs, como a *Digital Partners*, entre outras. Como foi essa experiência?

AB: Conheci o professor Yunus nos anos 1980, ainda era estudante e sempre fui fascinado por seu trabalho. Acredito que conceder crédito para os excluídos e trabalhar com eles, para mudar suas vidas e as das próximas gerações, foi muito importante para a minha educação. Eu vejo essas questões com olhos de ONG, porque foi onde passei a maior parte da minha vida profissional. Tornei-me, de alguma forma, uma ponte entre as necessidades das ONGs e o que as corporações podem ou não fazer. Sou um privilegiado por ter estado dos dois lados.

CC: Como a *Microsoft* está envolvida no projeto do governo federal do One Laptop for Child (*Um Laptop para cada Criança*)?
AB: Conheço o trabalho que o professor Nicholas Negroponte, do MIT, de-



BANGLADESH. O bem-sucedido Banco dos Pobres, de Yunus

envolve. É claramente um projeto para reduzir o custo do computador, que tem propósitos educacionais e pode alcançar uma enorme população excluída digitalmente. A discussão sobre o preço, se são 100 ou 200 dólares por aparelho, é irrelevante. Porque, quanto maior alcance tiver o projeto, menor será o custo. A *Microsoft* tornou-se parceira do projeto, ao oferecer o *Windows* como plataforma. O fato foi anunciado em maio. Claro que isso levará algum tempo para colocar o programa computadores para crianças em áreas selecionadas, como no Brasil.

**“ O Linux
 pode conviver
 com a Microsoft.
 São conceitos
 diferentes ”**

CC: Há uma imensa discussão sobre o monopólio da *Microsoft* na área de tecnologia, que imporia as regras do mercado. Como o senhor avalia o poder da companhia, que pode sufocar empresas menores que teriam condições de oferecer algo bom e mais barato?

AB: Este é um dos grandes mitos atuais. É uma falsa premissa. Você não pode comprar tudo na *Microsoft*. Temos parceiros -que vendem por nós, que usam nossa plataforma para criar novos produtos. Temos 700 mil parceiros que trabalham conosco no mundo inteiro. São companhias locais e pequenas, que criam produtos, geram empregos e ganham dinheiro que permanece em seus países. Para cada dólar que a *Microsoft* ganha, os parceiros conseguem de 6 a 16 dólares, a depender do Produto Interno Bruto do país. Fazemos parte de uma indústria de 412 bilhões de dólares. Nossa parte nesse montante é pequena. Dizer que sufocamos os pequenos é uma falsa percepção.

CC: E o software livre *Linux*?

AB: Há valor em tudo o que é criado. Dá chance às pessoas de fazerem escolhas. E este é o melhor dos mundos. Se criar desenvolvimento, é ótimo. Acho que o *Linux* pode coexistir com a *Microsoft*. São conceitos diferentes.

CC: O senhor é arquiteto e urbanista. Também artista plástico (<http://www.pugmarks.com/gallery/akhtar/index.htm>). O que a arte significa para o senhor?

AB: Eu desenho e pinto desde criança. Meu tio é um dos maiores artistas vivos na Índia. A arte é um pedaço extremamente importante da cultura e da sociedade. Quando vi os projetos na Vila Madalena, em São Paulo, pensei: isso é criatividade, que direciona a energia dos cidadãos para um caminho correto. A arte é parte da minha vida. •